

PROJETO ESPAÇO MULTIMÍDIA INFANTIL

Adelir Pazetto Ferreira¹

Silvana Bernardes Rosa²

RESUMO: A proposta deste trabalho é apresentar a metodologia e os resultados obtidos na formação docente em serviço, direcionada para o Projeto **Espaço Multimídia Infantil (EMI)**, bem como explicar fragmentos demonstrativos da prática pedagógica neste Espaço. Este Projeto foi implementado em uma creche pela Secretaria de Educação da Prefeitura de Florianópolis, criando um campo de estudo do processo de incorporação de diversas mídias à educação infantil. O EMI foi construído com o caráter de projeto piloto e está equipado com computadores, impressora, softwares educativos, televisão, vídeo, aparelho de som, acervo de CD's, livros infantis, brinquedos, filmadora, máquina fotográfica digital, papéis, canetas e outros. O trabalho a ser realizado com a criança, entendendo-a como um cidadão de direitos, tem como propósito contemplar suas múltiplas dimensões, entre elas o imaginário, cognição, expressão corporal, brincadeira, afetividade, faz-de-conta, criatividade, sexualidade, entre outras. Uma das necessidades evidenciadas no cotidiano da creche são as mudanças paradigmáticas, referentes aos conceitos de criança, infância, aprendizagem, mediação, professor, mídia e outros. Portanto, houve necessidade de qualificar os profissionais objetivando promover reflexões teórico-metodológicas acerca do trabalho pedagógico. Nesse sentido, as formações oferecidas são temáticas como informática educativa, contação de histórias e trabalho com as mídias.

¹ Pedagoga atuante na Divisão de Educação Infantil/ Secretaria de Educação/ Prefeitura Municipal de Florianópolis e aluna regular do Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura da Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina (UDESC). End. Rua Dante Filomeno, 36 - Praia Comprida – São José – SC CEP 88103435; adelirpf@iq.com.br; (048)2476010.

² Doutora em Engenharia de Produção/UFSC e Université Paris VIII. Professora do Mestrado da UDESC. Centro de Artes/Design/UDESC. Professora Visitante no PPGEP. End. Rua Felix Kleis, 47 – Florianópolis – SC CEP 88035330; silvana@udesc.br; fax (048) 2345429.

PROJECT EARLY CHILDHOOD MULTIMEDIA SPACE

ABSTRACT: The aim of this paper is to present the methodology and the results, obtained on the “on site teacher formation”, related to **the Project Early Childhood Multimedia Space (ECMS)**, and to explain demonstrative fragments of the educational practice on this Space. This Project was implemented in a nursery by the Municipal Education Secretary of the city of Florianópolis, creating a study field on the incorporation process of several media in the Early Childhood Education. The ECMS was built with the character of an experimental project and it is equipped with computers, printers, educative softwares, television, VCR, stereo, CD’s, child books, toys, camcorders, digital cameras, and other materials. The work to be realized with the children, understanding them as a rights citizen, has the purpose to contemplate their multiple dimensions, like the imaginary, cognition, body expression, jokes, affectivity, creativity, sexuality, and other. One of the evidenced necessities on the day by day of the nursery are the paradigmatic changes regarded to the concepts of child, childhood, learning, mediation, teacher, media and other. Therefore, it was necessary to qualify the professionals, on the purpose of promoting theoretical and methodological reflections about the educational work. In this sense, the offered formations are thematically organized, like educational computation, history telling and working with media.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil; Mídias; Formação; Tecnologias.

KEY-WORDS: Early Childhood Education; Media; Teacher Formation; Technologies.

1 PREMISSAS TEÓRICAS DE PESQUISA

As crianças de hoje, nascem e vivem na era da informação e da comunicação, ou seja, na era digital. Portanto, as mídias são de interesse das

crianças menores de 7 anos pois convivem com elas em seu cotidiano; desde cedo entendem as notícias televisivas, ouvem músicas em informações no rádio, mexem em computadores (quando lhes é permitido), adoram bater fotografias e serem fotografadas, brincam com filmadoras de brinquedo “produzindo” filmes e novelas, escrevem, desenharam, “lêem” livros, ou seja, os artefatos culturais fazem parte do mundo infantil, sejam eles reais ou ficcionais.

Atenta-se para o paradoxo de que há a necessidade de também as crianças de 0 a 6 anos se apropriarem das novas e velhas tecnologias existentes à disposição da humanidade, apesar das instituições públicas de educação infantil não terem um financiamento próprio para se manterem.

Além deste, há o paradoxo de que, apesar da aprovação pelas Nações Unidas da Convenção dos Direitos da Criança em 1989, as crianças ainda vivem de acordo com suas condições sociais, políticas e econômicas, evidenciando a existência de diferentes tipos de infância, marcadas pelos contextos sociais que determinam cada infância. Assim, as crianças das classes mais abastadas têm garantia de seus direitos, outras porém, que vivem em meio à violência, aos abusos, ao terror, não tem nenhum direito garantido.

Apesar dessa situação paradoxal, os Direitos das Crianças (1989) existem, e neles estão incorporados o Direito à Mídia, como citado nestes artigos:

Art. 13: liberdade de expressão;

Art. 17: acesso à variedades em materiais;

Art. 31: amplo direito ao lazer e à participação na vida cultural.

As crianças sentem vontade de aprender e mexer nos diferentes instrumentos porque eles fazem parte do mundo do adulto; assim, se apropriando destes artefatos estarão se projetando naquele mundo. Mesmo que não seja com os mesmos propósitos, a ação da criança é carregada de emoção, aprendizagem, experiência, criação e inventividades. Suas produções são importantes e devem ser valorizadas pois representam a construção de seu conhecimento. Com a interferência e mediação de adultos, professores ou de crianças mais experientes, as crianças vão, gradativamente, se apropriando

com mais competência destes instrumentos de modo apropriado, com a carga cultural que lhes é imposta.

O uso das novas tecnologias na educação infantil é bastante novo, portanto, não há prontuários, receituários, proposições, metodologias, nem prisões delimitadoras. É uma tarefa a ser construída; um caminho a ser percorrido, descoberto, vivenciado, documentado, analisado.

A chave da questão é fazer a “leitura” das necessidades infantis, e a partir daí, envolver as crianças em atividades em que demonstrem preocupações, curiosidades, desconhecimento de saberes. É fundamental estar atento ao que elas falam, gesticulam, olham, pensam, como se movimentam, como se manifestam, como reagem frente às mídias, o que querem saber e construir.

Entretanto, é importante afirmar que as mídias são apenas instrumentos que podem ou não colaborar no cotidiano das instituições de educação infantil. A maneira como a tecnologia é utilizada para a mediação pode ser revolucionária ou não. Depende da concepção de educação adotada (KENSKI, 2002). Portanto, os professores precisam dominar a forma de utilização das tecnologias, bem como precisam incorporar princípios norteadores para a prática pedagógica na educação infantil.

Estes princípios norteadores gerais, firmados pela consultora Eloísa Rocha (1999) para a Rede Municipal de Educação de Florianópolis, visam reconhecer e subsidiar a especificidade do trabalho com as crianças de 0 a 6 anos. São eles: a concepção de criança como sujeito social de direitos; o espaço educativo que priorize as múltiplas dimensões humanas; a função social de cuidar e educar as crianças, complementando a ação das famílias; a construção de uma pedagogia da infância.

Assim, os professores devem planejar suas ações visando o sujeito de direitos, utilizando as tecnologias para contemplar as múltiplas dimensões da criança em sua práxis, como a dimensão afetiva, cognitiva, corporal, criativa, sexual, lingüística, lúdica, expressiva, social, fantasia, curiosidade, psicológica, nutricional, brincadeira, faz-de-conta, entre outras tantas mais.

Vislumbram-se as mídias como elementos estimuladores, utilizados pelos professores para intervir nas indagações e reformulações infantis. A preocupação deste nível de ensino não enfatiza apenas o processo cognitivo, evidenciando que todas as dimensões são importantes. Segundo Rocha (1999, p. 62),

(...) a dimensão que os conhecimentos assumem na educação das crianças pequenas coloca-se numa relação extremamente vinculada aos processos gerais de constituição da criança: a expressão, o afeto, a sexualidade, a socialização, o brincar, a linguagem, o movimento, a fantasia, o imaginário, ... as suas cem linguagens.

Partindo do pressuposto de que a criança é constituída de múltiplas dimensões humanas ou “de cem linguagens”, e conceituada como um cidadão de direitos, inclusive direito à mídia, a Prefeitura Municipal de Florianópolis, no desenvolvimento de políticas de uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), implementou o projeto piloto nomeado “**Espaço Multimídia Infantil**” (EMI) em uma das creches municipais, visando acessar as linguagens midiáticas às crianças de 0 a 6 anos, criando um campo de estudo do processo de incorporação das mídias à educação infantil.

Como este projeto está sendo implementado efetivamente neste ano de 2003, percebe-se que ainda se tem muito a analisar, estudar e pesquisar quanto à relação mídia-educação³, sendo um longo caminho a percorrer através de pesquisas e experimentações.

Destarte, um dado já firmado é a necessidade de formação em serviço dos profissionais da creche, fato iniciado desde o princípio do projeto, objetivando discutir conceitos importantes no cotidiano da instituição infantil como criança, infância, aprendizagem, mediação, professor, mídia e outros. Nesse sentido, a partir dessa necessidade de qualificar os profissionais e promover reflexões teórico-metodológicas acerca do trabalho pedagógico, estão sendo oferecidas formações temáticas como informática educativa, contação de histórias e as mídias no mundo imaginário infantil.

³ A educação para as mídias ou mídia-educação é um conceito que vem sendo amplamente debatido; entende-se aqui como a “[...] necessidade de integrar aos processos educativos o uso das novas (e velhas) tecnologias de informação e comunicação” (BELLONI, 2001, p. 45).

2 CONSTRUINDO O PROJETO ESPAÇO MULTIMÍDIA INFANTIL

Uma preocupação constante da equipe da Divisão de Educação Infantil (DEI) vinculada à Secretaria Municipal de Educação (SME) de Florianópolis é oferecer ambientes diferenciados possibilitadores de integração do cuidado e da educação, eixos complementares e indissociáveis, com o propósito de proporcionar um atendimento de qualidade às crianças em todas as suas dimensões humanas, entendendo que a criança é um ser indivisível.

Observando a implantação de uma política de uso das TIC's nas escolas básicas, julgou-se importante, também na educação infantil, estudar e incorporar o uso pedagógico das mídias numa creche, como um projeto piloto, buscando investigar como este espaço a mais na creche pode qualificar o trabalho pedagógico junto às crianças.

Assim, a Divisão de Educação Infantil e o Núcleo de Tecnologia Educacional (NTE) pertencente à Divisão Mídia e Conhecimento (DMC) iniciaram uma parceria para implantar o Projeto EMI com o propósito de dar possibilidade de acesso às crianças junto às mídias.

É importante contextualizar um pouco da história do Projeto EMI. No ano de 2000 iniciaram-se as discussões procurando estabelecer uma política de utilização das mídias na educação infantil. Em 2001, o projeto foi construído como documento, além disso foi selecionada uma creche. Em 2002, organizou-se uma formação de Informática Educativa, sob orientação e coordenação do NTE, para os profissionais da creche e os envolvidos na SME, bem como, a partir dessa formação, elegeram-se uma coordenadora para atuar no EMI por 40 h semanais. Então, no início de 2003, o EMI começou a ser utilizado efetivamente por todas as crianças e os profissionais da creche.

Este espaço educativo é equipado com diferentes mídias, como: 8 computadores, softwares educativos, impressora, televisão, vídeo, acervo de fitas e cd's infantis, aparelhos de som, filmadora, máquina fotográfica digital, 450 livros de literatura infantil. Todavia este espaço é direcionado para crianças de 0 a 6 anos. Portanto, não poderia ser limitado à exposição de equipamentos. Dessa forma, ele foi criado para ser carregado de sensibilidade;

foi mobiliado então, com uma vovó gigante de pano segurando uma cesta com livros e “dando colo” para sessões de contação de histórias, uma colcha de retalhos sob a grande televisão simbolizando a cultura açoriana, armários com palhaços decorativos, brinquedos organizados (postos de gasolina, carrinhos de ferro, oficina com ferramentas, bonecas, outros), uma mesinha de plástico pequena com cadeirinhas de plástico coloridas em seu redor, almofadas, tapetes e cortinas (em black-out para proteger as máquinas do sol com bolsos coloridos comportando bonecas de pano e outros brinquedos).

O atendimento neste espaço é agendado com a coordenadora, e tem durações diferenciadas, conforme os objetivos dos professores. Assim, a forma de utilização do EMI constrói-se diariamente no processo de envolvimento com os adultos e as crianças.

Possibilitando o acesso das crianças às mídias, procura-se observar como as crianças se manifestam, o que aprendem, o que sentem, suas fantasia e encantamentos, as interações que surgem entre elas, com elas e os profissionais, com elas e as máquinas. Foi passível de observação a criatividade, a criticidade, a diversidade de experiências, a variedade de atividades propostas. Há várias possibilidades de se trabalhar intencionalmente com as mídias conforme as faixas etárias, todavia, precisam ser planejadas e mediadas pelos educadores, permitindo que as crianças contribuam com o planejamento. Daí a necessidade de se organizar constantes formações em serviço com os profissionais da creche.

3 AS FORMAÇÕES DIRECIONADAS AO EMI

Os profissionais que atuam na creche já faziam parte das formações oferecidas pela Divisão de Educação Infantil em anos anteriores, baseadas prioritariamente em oficinas práticas de literatura infantil, teatro, música, jogos e brincadeiras, letramento, e outros. Assim, de acordo com as necessidades do grupo e do EMI, optou-se por organizar 3 formações coletivas para 2003 (outras formações individuais são oferecidas pela DEI e NTE): “A arte de contar

histórias”, priorizando-se as dimensões imaginárias; a “Informática Educativa”, privilegiando a sensibilização no uso pedagógico dos computadores; “As mídias no mundo imaginário infantil”, analisando o uso das mídias e observando a interação das crianças no EMI.

3.1. A ARTE DE CONTAR DE HISTÓRIAS

A primeira palestra realizou-se na própria creche, numa reunião pedagógica, ministrada por um mestrando da UFSC, contactado pela diretora, objetivando instigar os profissionais à contação de histórias de formas variadas.

O professor enfatizou a importância sobre o letramento⁴, que se inicia quando a criança insere-se no mundo escrito. Há diferentes níveis, tais como diferenciar rótulos, pegar ônibus, decifrar códigos e signos lingüísticos, bem como escrever teses. As histórias contribuem para os eventos de letramento desenvolvendo a imaginação, oralidade, fruição, recepção de mensagem, e outros.

Devido à existência do EMI, o palestrante relatou que as novas mídias são muito interessantes, pois produzem um novo tipo de educação, levando o sujeito a realizar mais coisas ao mesmo tempo, utilizando seus vários níveis de escuta. Há diferentes planos na televisão, no computador, no som; porém é possível decodificar apenas as mensagens que o interessa; algumas mídias criam a capacidade de focar atenção em diversas situações, como o computador, onde percebe-se no olhar da criança, a atividade mental, a agitação, diferente da televisão em que há passividade e os olhos ficam normais, sem vida. A internet foi construída com uma linguagem escrita com características da oralidade: abreviações, signos, códigos. “É uma escrita oral”, afirma o professor.

Sobre a escolha dos livros infantis, ele indica que o professor deve fazer a leitura do repertório de conhecimento das crianças para permitir o imagético infantil. Há literaturas que tem de ser lidas para respeitar o estilo literário do

⁴ Letramento é “(...) um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos.” (Kleiman, 1995:19).

autor, que não podem ser reproduzidas. Entretanto, narrar sem livros é o mais rico para a imaginação. Recontar histórias é um forte exercício de oralidade e contribui na desenvoltura. É preciso definir qual o objetivo pedagógico – contar, ler, narrar; há conteúdos que fundamentam a prática pedagógica.

O palestrante contou algumas histórias, “contaminando” os profissionais, ressaltando a importância e a alegria produzida pelas viagens imagéticas que cada pessoa cria, conforme suas idéias. A avaliação foi bastante positiva e intui-se que haverá ansiedade na espera para o próximo encontro, programado para o segundo semestre.

3.2 INFORMÁTICA EDUCATIVA

O curso realizou-se para os profissionais da creche, em noites alternadas no mês de Maio, compondo uma carga de 18 horas, objetivando promover reflexões teórico-metodológicas acerca do trabalho pedagógico, promovido e coordenado por técnicos do NTE, sob a monitoração da coordenadora do EMI.

Partiu-se das expectativas dos participantes, para encaminhar as muitas atividades ocorridas, entre elas: entrega de textos sobre computadores e explanação breve de como usá-los; leitura de livro infantil e recriação no paintbrush; análise de softwares educativos (instalação, acesso, navegabilidade, conteúdo, linguagem adequada, possibilidades pedagógicas) e avaliação no power point; apresentação das avaliações no projetor multimídia; apresentação em power point de conceitos relacionados à internet (redes locais, servidores, provedores, home pages, sites, ferramentas, e outros) e livre acesso à Internet (ofereceram sites de revistas de educação e similares); assistir vídeo “Fantasy” (autoria da Walt Disney) como estímulo para criação de dobraduras coladas em papel branco; scanear as dobraduras e salvar as imagens; elaborar uma história a partir das produções no power point; avaliação final.

A avaliação evidenciou as descobertas, críticas e sugestões ocorridas durante a formação. Percebeu-se o envolvimento dos profissionais, suas

aprendizagens, criatividade, criticidade, perda do medo em relação às máquinas, proposições de trabalho junto às crianças animados com as possibilidades de personalização dos slides, gravação de sons e vozes, alternativas de softwares, enfim, com a idéia de levar imagens do mundo real para o virtual.

3.3. AS MÍDIAS NO MUNDO IMAGINÁRIO INFANTIL

A partir das reuniões de planejamento e avaliação entre a equipe pedagógica da creche, os profissionais da DEI e DMC envolvidos no Projeto EMI, acordou-se que havia a necessidade de uma consultora para contribuir com as reflexões sobre a utilização das mídias com as crianças pequenas. Optou-se por uma professora doutora da UFSC, a qual realiza pesquisas relacionando crianças e mídias. Após as reuniões iniciais na SME, a consultora coordenou duas reuniões pedagógicas na creche para todos os profissionais.

Inicialmente, a professora ouviu os “sonhos” dos profissionais em relação ao EMI, a fim de planejar a consultoria com o grupo. Em seguida, trabalhou conceitos de multimídia, produção de conhecimento, criticidade, direitos de mídias às crianças como o direito de proteção (ser resguardada de conteúdos negativos), direito de provisão (proporcionar materiais de boa qualidade) e direito de participação (possibilidade das crianças participarem e interferirem na produção de pequenos livros, jornais, sites, vídeos, novelas, roteiros, e outros). Ela terminou o encontro discutindo aspectos chave da mídia-educação.

No segundo encontro foi proposto assistir um pequeno vídeo chamado “O boneco de neve” para fazer a análise, objetivando pesquisar como as mídias se encaixam na vida das crianças, como a televisão entra na vida dos profissionais e como estes contribuem com a creche. A consultora propôs a elaboração de um roteiro de observação, apoiado em embasamento teórico. Sugeriu que um grupo se organizasse para analisar o vídeo e outro grupo para estudar os materiais teóricos. Entregou um pequeno texto intitulado “Vamos conversar sobre a televisão!” para lerem e discutirem; após a leitura, resgatou-

se a importância de saber o que as crianças assistem; educadores devem proteger as crianças de conteúdos negativos; escolha de literaturas infantis; outros. A consultora ofereceu um modelo de questionário⁵ para análise de programas televisivos, contendo as seguintes perguntas: Que tipo de programa é esse? Quais seus objetivos? Qual sua estrutura básica? Quem fala e de que lugar? Com que linguagem, se faz esse programa e outros temas de interesse para a educação? Ficou combinado que no encontro seguinte se discutiria as análises dos grupos, abordaria-se a questão da criança com os computadores e se construiria um roteiro de observação das crianças em ação no EMI.

As avaliações foram produtivas, possibilitando aos profissionais refletir sobre como agem com as mídias em seus lares e na creche, percebendo a necessidade de analisar os vídeos ou programas televisivos antes de serem apresentados às crianças, evidenciando um planejamento intencional e direcionado às faixas etárias com as quais trabalham.

4. CENA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO EMI

Chegam 15 crianças do I Período (crianças com cerca de 3 anos e meio a 4 anos) acompanhadas de sua professora, com o objetivo de brincar no paintbrush, com os brinquedos do EMI e assistir vídeo (A fuga das galinhas).

A coordenadora recebe as crianças e explica que nesta sessão poderão explorar o espaço livremente, escolhendo o que quiserem. Rapidamente as crianças se dividem conforme seus gostos: 7 crianças sentam-se aos computadores; 4 sentam-se nas cadeiras pequenas para ver o vídeo; 4 vão brincar com as bonecas de pano e os carrinhos. Apenas as crianças dos computadores solicitam ajuda aos adultos: “Quero trocar de cor”; “Não consigo pegar o lápis”; “Como se aumenta a borracha?” E outras.

As crianças apresentam muita autonomia neste espaço. Aquelas que estavam com os brinquedos, de vez em quando chegavam perto da televisão e até sentavam-se para ver partes do filme que lhes chamava atenção, ou apenas “esticavam” os olhos acompanhando algumas cenas, diferente das

⁵ Baseado no livro “Televisão e Educação” da autora Rosa Maria Bueno Fischer, 2001.

crianças que interagem com os computadores e as professoras, concentrados em suas produções. As do vídeo estavam atentas, mas por vezes, olhavam para os lados acompanhando os colegas.

Detalhes de como as crianças se manifestam: Elisa⁶ pega uma boneca e acaricia seus cabelos com a mão e vai sentar-se em frente ao vídeo, ora olhando a boneca, ora o filme. Sérgio sai do computador e também senta-se para ver o vídeo. Elisa nina a boneca, levanta-se e volta para a pequena mesa para brincar com as duas colegas. João e Pedro brigam porque um estava na frente do outro; a professora intervém conversando e afastando suas cadeiras lateralmente para que ambos pudessem assistir ao vídeo. Moacir rola no tapete com as almofadas. Elisa sobe em uma cadeira para alcançar mais bonecas nos bolsões da cortina; ela chama a pesquisadora para ajudá-la. Bruno sai do computador e Natália e Bia tomam seu lugar fazendo “riscalhadas”⁷ e trocando cores. As cenas modificam-se constantemente; 2 computadores estão vazios; 6 crianças assistem ao vídeo com brinquedos nas mãos; outras deitam-se no colo da professora no tapete brincando de bonecas. Gabriel pede para ir ao banheiro; a professora avisa que vai sair e o leva. Elisa começa a jogar a boneca para o alto, rindo e conversando; a coordenadora orienta que devem cuidar dos brinquedos; ela então, enfileira várias bonecas sobre o tapete, mudando sua brincadeira. Joana pede ajuda à pesquisadora para fazer uma casinha no paint; ela concorda e coloca sua mão sobre a da menina no mouse e começam a desenhar, pintando-a com as cores escolhidas por Joana; ela mostra aos colegas sua casa, satisfeita, depois pede a borracha e apaga tudo. Em frente ao vídeo, as crianças já não o assistem, apenas brincam. Algumas crianças ficam em duplas nos computadores. Joaquim acha uma máquina fotográfica (sem uso) num dos bolsões e pergunta se pode brincar; como lhe é permitido, reúnem-se mais 4 rapidamente e começam a “fotografar”. A professora pede que todos ajudem a organizar a sala pois já está na hora da refeição. Algumas meninas começam a guardar bonecas nos bolsões; os adultos também organizam o espaço. Joaquim pede a máquina emprestada à

⁶ Todos os nomes são fictícios.

⁷ Termo utilizado por FLEISCHANN (2001).

coordenadora; ela responde que sim, desde que a professora se responsabilize e cuide para devolver; a professora concorda e todos saem se despedindo contentes, prontos para continuar a brincadeira das fotos na sala de aula.

5. CONSIDERAÇÕES DO PROCESSO, NÃO FINAIS...

A proposta metodológica direcionada à formação docente em serviço deste ano de 2003, visa sanar as dúvidas, os problemas, as expectativas em relação ao Projeto EMI, entretanto muitas das questões discutidas levaram os profissionais a refletir sobre suas práticas pedagógicas em suas salas de aula e até em suas vidas, com suas famílias, como no caso de discutir os programas televisivos com as crianças, respeitar a censura, limitar cenas violentas e sexuais (materiais de má qualidade às crianças), utilizar os programas para produzir atividades com as crianças, e outros.

Considera-se que os resultados obtidos na formação, planejada para ter continuidade ao longo do segundo semestre, portanto, que está em processo, vem sendo de fundamental importância para a utilização do EMI. No início do ano, os profissionais apresentavam receios de usar aquele espaço; era necessário que a coordenadora fosse até os professores e os convidassem, planejando junto a eles. Atualmente já se observa a ação contrária, os professores buscam o EMI para objetivos variados; realizam projetos de trabalho como o do III Período em que estão trabalhando com a reprodução de contos de fadas e construindo histórias utilizando o programa micromundos nos computadores; o I Período já construiu crachás individuais, trabalhou com músicas e coreografias com softwares e atualmente estão lidando com o paintbrush, assistindo vídeos e brincando; os Berçários vem para brincar e ver suas fotos no computador, tiradas com a máquina fotográfica digital; os Maternais vem assistir pequenos vídeos, ouvir histórias, ter prazer com os diferentes brinquedos do EMI, mexer nos computadores no colo dos adultos. O II Período está assistindo vários filmes infantis e trabalhando seus conteúdos em sala, bem como estão usando o paintbrush. Enfim, são várias as atividades

que estão sendo propostas, tanto em turmas individuais como em grupos multi-etários, dependendo dos objetivos dos profissionais e do coordenador.

É necessário frisar que os professores só estão conseguindo realizar este trabalho de colaboração entre pares, pois internalizam uma concepção de educação que valorize a criança como um sujeito de direitos, orientando as ações para contemplar suas múltiplas dimensões e linguagens, que a constitui como ser humano.

Destarte, para que os computadores, softwares, programas televisivos, vídeos, literaturas infantis, cd's, máquina fotográfica, filmadora, sejam bem utilizados, com a preocupação de desenvolver tais dimensões e linguagens, há a necessidade de profissionais competentes e experientes, que permaneçam em constantes formações, direcionando seus olhares, suas reflexões, suas mediações para a utilização dos artefatos tecnológicos, dispostos no EMI, um projeto que deveria existir em todas as instituições infantis.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, S. & BIZZOTTO, C. E. As tecnologias da informação e da comunicação nos processo de socialização do conhecimento. In: Anais do III Congresso Nacional de Reorientação Curricular. Blumenau: Prefeitura Municipal: Edifurb, 2002.

ARROYO, Miguel. O significado da infância. In: Anais do Seminário Nacional de Educação Infantil. Brasília, MEC/SEF/COEDI, 1996.

BELLONI, Maria Luiza. O que é mídia-educação? Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

BENCINE, Roberta. Da Informação ao Conhecimento. In: Revista Nova Escola. nº 153. Ed Abril. Jun/jul de 2002. (p. 16-21)

BIANCHETTI, L. Da Chave de Fenda ao Laptop. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

COMITÊ DOS DIREITOS DA CRIANÇA (1996). Observações Finais do Comitê dos Direitos da Criança sobre o Relatório relativo à aplicação, em Portugal, da Convenção. Revista Infância e Juventude, nº 2: 9-14.

EDWARD, C. GANDINI & FORMAN, G. As Cem Linguagens da Criança. Porto Alegre, Artes Médicas, 1999.

FLEISCHANN, Lezi Jacques. Crianças no Computador: Desenvolvendo a Expressão Gráfica. Cadernos da educação infantil, nº 9. Porto Alegre: Mediação, 2001.

KENSKI, V. M. Processos de interação e comunicação no ensino mediado pelas tecnologias. IN: ROSA, D. & SOUZA, V. (org). Didáticas e Práticas de Ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MEC/SEF/COEDI. Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças. Brasília, 1995.

MORAN, J. M., MASETTO, M. T. & BEHRENS, M. A. Novas tecnologias e mediação pedagógica. São Paulo: Papyrus, 2000.

PINTO, M. & JACINTO, M. Crianças: Contextos e Identidades. Editora Península, Lisboa, 1999.

REGO, Teresa C. Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 10ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

ROCHA, Eloisa A. C. A Pesquisa em Educação Infantil no Brasil: Trajetória recente e perspectiva de consolidação de uma pedagogia. UFSC/CDE/NUP, Florianópolis, 1999.

SÍNTESE DA QUALIFICAÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL. Prefeitura Municipal de Florianópolis, Secretaria Municipal de Educação, 2000.

SUBSÍDIOS PARA REORGANIZAÇÃO DIDÁTICA DA EDUCAÇÃO BÁSICA MUNICIPAL. Prefeitura Municipal de Florianópolis, Secretaria Municipal de Educação, 1999.